

**lourenço cazarre**

ilustrações de roberto weigand

# ILHADOS

tratado sobre gurus

Prêmio Açorianos de Literatura – 2002

Melhor livro de contos publicado no Rio Grande do Sul em 2001



1ª edição

1ª tiragem

2009

Conforme a nova ortografia

 **Editora  
Saraiva**

Rua Henrique Schaumann, 270  
CEP 05413-909 – Pinheiros – São Paulo-SP  
Tel.: PABX (0\*\*11) 3613-3000  
Fax: (0\*\*11) 3611-3308  
Fax Vendas: (0\*\*11) 3611-3268  
Atendimento ao Professor: 0800-0117875  
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br  
E-mail: atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

#### Revendedores Autorizados

**Aracaju:** (0\*\*79) 3211 8266/3211 6981  
**Bauru:** (0\*\*14) 3234 5643  
**Belém:** (0\*\*91) 3222 9034/3224 9038  
**Belo Horizonte:** (0\*\*31) 3429 8300  
**Brasília:** (0\*\*61) 344 2920/344 2951  
**Campinas:** (0\*\*19) 3243 8004/3243 8259  
**Campo Grande:** (0\*\*67) 3382 3682  
**Cuiabá:** (0\*\*65) 3901 8088  
**Curitiba:** (0\*\*41) 3332 4894  
**Florianópolis:** (0\*\*48) 3244 2748/248 6796  
**Fortaleza:** (0\*\*85) 3238 2323  
**Goiânia:** (0\*\*62) 3225 2882/3212 2806  
**Imperatriz:** (0\*\*99) 3525 2913  
**João Pessoa:** (0\*\*83) 3241 7085  
**Juazeiro do Norte:** (0\*\*88) 3511 8280  
**Londrina:** (0\*\*43) 3322 1777  
**Macapá:** (0\*\*96) 3223 0706  
**Maceió:** (0\*\*82) 3221 0825  
**Manaus:** (0\*\*92) 633 4227  
**Natal:** (0\*\*84) 3611 0627/3211 0790  
**Porto Alegre:** (0\*\*51) 3371 4001/3371 1467/3371 1567  
**Porto Velho:** (0\*\*69) 3223 2383/3221 2915  
**Recife:** (0\*\*81) 3421 4246  
**Ribeirão Preto:** (0\*\*16) 3610 5843  
**Rio Branco:** (0\*\*68) 3224 3125/3224 7094  
**Rio de Janeiro:** (0\*\*21) 2577 9494  
**Salvador:** (0\*\*71) 3381 5854/3381 5895  
**Santarém:** (0\*\*93) 3523 6016  
**São José do Rio Preto:** (0\*\*17) 3227 3819/3227 0982  
**São José dos Campos:** (0\*\*12) 3921 0732  
**São Luís:** (0\*\*98) 3243 0353  
**Teresina:** (0\*\*86) 3221 3998/3226 1956  
**Uberlândia:** (0\*\*34) 3213 5158/3213 6555  
**Vitória:** (0\*\*27) 3137 2595/3137 2566/3137 2560

Copyright © Lourenço Cazarré, 2009

*Gerente editorial:* Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira  
*Editora-assistente e preparação de texto:* Kandy Sgarbi Saraiva  
*Auxiliar de serviços editoriais:* Rute de Brito  
*Estagiária:* Mari Kumagai  
*Suplemento de atividades:* Maria Regina Bellucci / Kandy Sgarbi Saraiva  
*Revisão:* Pedro Cunha Jr. (Coord.) / Lilian Semenichin / Janaína da Silva / David Medeiros  
*Gerente de arte:* Nair de Medeiros Barbosa  
*Diagramação:* Hamilton Olivieri Jr.  
*Capa:* Aeroestudio  
*Ilustrações:* Roberto Weigand

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cazarré, Lourenço  
Ilhados : tratado sobre guris / Lourenço Cazarré ;  
ilustrações de Roberto Weigand. — São Paulo : Saraiva, 2009.  
— (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-08395-0 (aluno)  
ISBN 978-85-02-08396-7 (professor)

1. Contos – Literatura infantojuvenil I. Weigand, Roberto.  
II. Título. III. Série.

09-08886

CDD-028.5

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5  
2. Contos : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

# Sumário

Véspera de aula 5

Briga de guris 11

Cantiga de ninar 18

Na hora da sesta 25

Menino tranquilo nos braços do pai 36

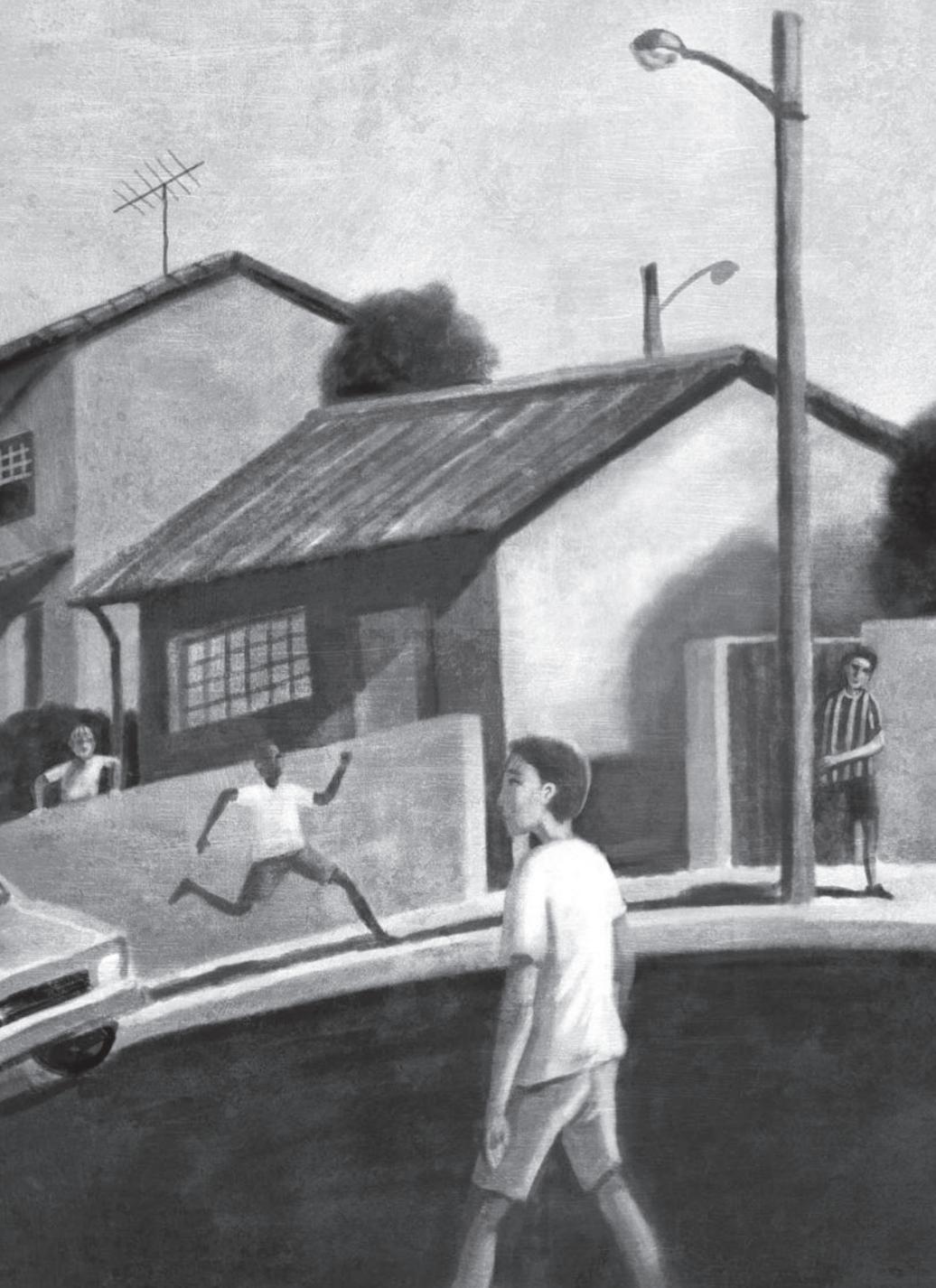
Homem todo vestido de negro 43

Pesadelo do soldado que chegou da guarnição distante 49

Sinal de luz 55

Um só corpo, corcovado e imenso 62

Ilhados 70



# Véspera de aula

**N**a noite anterior,  
deitamos muito tarde, cansados, exaustos.  
Brincamos até não poder dar mais um passo  
porque aquela seria a última noite de férias.  
Corremos feito loucos — pega-pega  
e esconde-esconde — pelas calçadas, pátios,  
muros e soleiras da nossa rua, que  
rescendia à dama-da-noite.



O sono demorou a chegar, como em todos os outros anos, como em todas as vésperas do primeiro dia de aula. Não havia acomodação possível na cama, eu me virava de um lado para o outro. Joguei longe o lençol. Quem seriam os meus colegas naquela escola distante? Como seriam os professores? Por fim, quando chegou, o sono veio carregado de pesadelos.

Num deles, fui impedido de entrar na escola pelo inspetor de disciplina. Eu quis argumentar que estava bem uniformizado e que ainda não havia batido o sinal, mas ele apontou para os meus pés. Eu estava calçando uns ridículos sapatos vermelhos. Acordei sobressaltado e fui à cozinha beber água.

Despertei outras vezes. Numa delas, conferi os livros e os cadernos novos na pasta. Tinha sonhado que os havia perdido. Em outra, examinei todas as peças do uniforme.

Mesmo tendo dormido pouco, acordei cedo, quando a vermelhidão do dia que nascia se infiltrou por uma falha na veneziana.

Ainda estava sentado na cama, meio zozzo, calçando os sapatos, quando a mãe entrou pelo quarto, agitada, enfileirando frases:

— Te apronta que o café já está na mesa. Mas antes me passa uma água nessa cara remelenta. Te movimenta! Não te atrasa, que eu te deixo de castigo!

O calor da noite ainda não se fora, permanecia entranhado nas paredes da casa. Passei a mão na testa, por baixo do topete, e senti umas gotinhas de suor.

Arrastei-me até o banheiro. Joguei água nos olhos ardidos. Como a água não estava muito fria, tomei coragem e enfiei o pescoço debaixo da torneira. Empapei os cabelos. Por fim, sequei-me com a toalha.

— O leite está esfriando em cima da mesa — era a mãe, da porta do banheiro. — Te mexe, guri, deixa de ser mazanza! Acorda duma vez!

Ela sempre ficava aflita com o meu jeito, atordoado, ao despertar.

Quando saí à rua, senti que gotas incômodas desciam do meu cabelo molhado e se enfiavam pelo colarinho da camisa branca. Mais uma vez conferi os pés: felizmente, estava calçando os sapatos pretos regulamentares, lustrosos, e não os do pesadelo. Depois, comecei a embalar a pesada pasta de couro, carregada de livros e cadernos novos. Bom era o cheiro de tinta de impressão que saía dela. A pasta pesava uma barbaridade, mas eu não tinha do que reclamar. Estava

orgulhoso de carregar tantos livros grossos, os livros que diferenciavam um ginásiano de um guri de primário. Respirei fundo, levantei o nariz.

Mas logo tive de abandonar a pose. O peso da pasta aumentava de quadra a quadra. E o calor já incomodava. Olhei para o céu. Uma chuva acabaria com o vinco perfeito das minhas calças compridas. Calças compridas de ginásiano. Apressei a passada.

De repente, me vi sobre a ponte de pedra, pertinho da usina, e dali já podia avistar a escola lá longe, quadradona, cinzenta. A descida da ponte empurrava-nos. A passos largos, cruzei pelo edifício da usina. A escola, com seus altos muros e suas incontáveis janelas, era como um castelo de filme de terror.

Naquele primeiro dia, os inspetores de disciplina olharam-nos de cima, com ar de pouco-caso, quando entramos. E nem se deram ao trabalho de responder nossas ansiosas perguntas sobre cadernetas de presença e localização das salas de aulas. O que fizeram foi empurrar-nos para o pátio com seus gritos secos e seus gestos duros, como quem espanta um bando de gansos grasnadores.

Lá fora esperavam-nos os veteranos. Na sombra das árvores, cuspidos dentre os entes; atirados nos bancos de cimento, fazendo cara feia; caminhando todos cheios de balaca, queixo alevantado.

Estávamos, três dos pequenos, olhando os peixes vermelhos no laguinho, quando os veteranos se aproximaram, sem pressa, se fazendo de sonsos, e, sem uma palavra, nos empurraram.

Por um momento, ainda nos seguramos, uns nos outros, aturridos, tentando manter o equilíbrio. Para eles, isso era justamente o mais engraçado porque sabiam que acabaríamos caindo todos, juntos, de cambalhada, como um bando de bêbados na saída de um baile.

Lutei muito para não cair. Já estava molhado até o meio da canela, mas não queria me ir de bunda na água. Eu só pensava na minha calça nova de vinco bem frisado. Não adiantou. O fundo do laguinho, de tijeleta, estava esverdeado de limo escorregadio.

Então, desabamos, de roldão.

Em pânico, os peixinhos procuraram abrigo entre as pedras do meio do lago, enquanto a gente chorava e os veteranos gargalhavam.



Mal nos arrastamos para fora, gotejantes, eles já corriam pelo pátio, soltando gritos selvagens, comemorando.

Aquilo era “o batismo”.

Nos primeiros dias de aula, muitos outros calouros ainda seriam batizados naquela água esverdeada.

Nós, as primeiras vítimas do ano, fomos ao banheiro e lá torcemos as meias e as calças empapadas. E despejamos no vaso a água que restara dentro dos nossos sapatos.

Na hora do recreio foi ainda pior. Os veteranos não empurraram apenas os que se aproximavam da beira do lagozinho. No muque, eles arrastaram alguns menores e os jogaram sem dó nem piedade dentro d'água.

Como era da tradição da escola que no primeiro dia de aula os mais antigos comessem a merenda dos novatos, eles nos tomaram os pães com manteiga ou com goiabada que as nossas mães haviam preparado com tanto esmero.

Ao meio-dia, quando fomos despejados no calor sufocante da rua, os veteranos já estavam por ali para anunciarem a “crisma”, que ocorreria nos dias seguintes.

Informaram-nos que essa tal crisma consistia em arrancar vassourinhas no campo de futebol, ao redor das piscinas e nos canteiros ao lado das oficinas. E acrescentaram detalhes. Disseram que quem sangrasse na palma das mãos seria considerado maricas e teria de atravessar de ponta a ponta o campo de futebol, com as mãos na cintura, rebolando, sob o coro de *ai-ai* dos veteranos. Disseram também que quem tivesse rijas as palmas da mão, e não sangrasse, seria chamado de alemão-colono ou de negro-escravo, isso conforme a cor de sua pele, se branco ou moreno, e teria de atravessar o campo meio encurvado, como se estivesse levando nos ombros uma enxada, sob *êra-boi* dos algozes.

Em casa, minha mãe não quis saber de conversa, porque mulheres não entendem nada dos rituais masculinos de iniciação. Ela simplesmente me sacudiu pela orelha e discursou:

— Justamente no primeiro dia, tu me caís dentro d'água, seu molenga! Olha só o que tu fez da tua roupa nova, condenado! Comprada no crediário, um monte de prestação! Por que tu te enfiou na beira do lagozinho? Tu nunca viu peixe, pateta? Olha só o estado da